

A PSICOMOTRICIDADE COMO MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Tatiana Saboya Albuquerque

Professora da Universidade Estadual do Piauí-UESPI

Resumo:

O processo de aquisição da leitura e da escrita corporificado na alfabetização é decisivo na vida escolar dos educandos. Pesquisas destacam que essa etapa é conflituosa, pois envolvem a efetivação de processos que se iniciaram desde o nascimento do indivíduo, incluindo os processos psicomotores. Este artigo visa compreender os processos de desenvolvimento e aprendizagem infantil e a dimensão do que seja a Psicomotricidade, a fim de identificar de que forma a consolidação dos processos psicomotores atuam como suporte na aprendizagem, sobretudo no objeto deste estudo que é o processo de aquisição da leitura e da escrita. Este trabalho de cunho eminentemente teórico, foi realizado através de uma revisão bibliográfica centrada na visão de teóricos que buscam compreender o indivíduo como um ser holístico no que diz respeito ao seu desenvolvimento e aprendizagem. Como resultado, conclui-se a complexidade desses processos e ressalta-se a importância dos aspectos psicomotores neste percurso, sobretudo para a alfabetização. Enfatiza-se a visão holística do indivíduo aprendiz, sendo impossível sua dissociação, como por vezes é compreendido nesta etapa: cognitivo, apenas. O corpo é enfatizado como a origem de todas as aprendizagens e a psicomotricidade, pelo seu caráter holístico, aparece nesse sentido como alicerce que impulsiona naturalmente esse processo. A consolidação dos fatores psicomotores permitirão que a criança se organize corporalmente para melhor desenvolver a leitura e a escrita. Compreende-se também o papel do professor para que possibilite uma aprendizagem significativa, mediante vivências bem planejadas, utilizando recursos da psicomotricidade como ferramenta facilitadora deste processo.

Palavras-Chave: Leitura e escrita. Alfabetização. Desenvolvimento. Aprendizagem. Psicomotricidade.

Introdução

Tornou-se um lugar comum falar na formação integral do indivíduo envolvendo todos os aspectos do desenvolvimento humano. De fato, os alunos deveriam ser sempre vistos como seres holísticos e compreendidos nos seus aspectos afetivo, cognitivo e psicomotor. Observando-se o contexto da realidade educacional brasileira e suas inúmeras mazelas que insistem em acompanhá-la século adentro, podemos observar que as evoluções teóricas, legais e até mesmo sociais nem sempre são aplicadas e/ou aproveitadas no chão da escola, sobretudo nas salas de 1º ano do ensino fundamental.

Muito tem se discutido sobre a importância das experiências significativas na educação infantil, mas os fatores que de fato efetivam essa importância ainda não estão totalmente compreendidos e fazem com que as práticas pedagógicas nas salas de aula ocorram de forma questionável. Alguns desses fatores são a incompreensão da natureza da criança e suas formas de aprender e o não uso de recursos facilitadores nesse processo. De fato não é função da Educação Infantil, ensinar as crianças a ler e a escrever, mas defende-se o desenvolvimento de práticas sociais de leitura e de escrita no cotidiano dessa etapa da escolarização.

Com relação ao processo de alfabetização, convém destacar que a aquisição da leitura e da escrita aparece como um grande desafio para as crianças e que são muitos os meios utilizados pelos professores e pela família na tentativa de ensiná-las a ler e a escrever. Embora haja esse investimento, o que de fato se observa é que uma quantidade significativa das crianças que passam por esse processo apresentam dificuldades, e nesse momento são incompreendidas na sua complexidade. Tais dificuldades nem sempre estão diretamente relacionadas ao processo de aquisição da leitura e da escrita em si, mas essa identificação é bastante rara, e comumente as crianças são massacradas pela incompreensão dos professores e da família.

As ideias de Wallon (1979) foram pioneiras ao considerar quatro elementos básicos que se intercomunicam para que um indivíduo aprenda: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. Nesse contexto, podemos observar que não há razões para encarar a etapa da alfabetização e a aquisição da leitura e da escrita como um processo isolado, que envolve a cognição e as habilidades necessárias para desenvolver tais aprendizagens, pois o que está em xeque é toda uma subjetividade individual, incluindo as questões afetivas e de construção do EU como sujeito.

É sob essa ótica que este artigo pretende discutir a interrelação do processo de aquisição da leitura e da escrita com a Psicomotricidade. Para tanto faz-se necessário compreender os processos de desenvolvimento e aprendizagem infantil e a dimensão do que seja a Psicomotricidade a fim de identificar de que forma a consolidação dos processos psicomotores atuam como suporte na aprendizagem, sobretudo no objeto deste estudo que é o processo de aquisição da leitura e da escrita, corporificada na alfabetização.

Encaminhamento metodológico

Como sustentação da compreensão dessa temática, optou-se pelo estudo bibliográfico. Este trabalho de cunho eminentemente teórico, foi realizado através de uma revisão bibliográfica centrada na visão de teóricos que buscam compreender o indivíduo como um ser holístico no que diz respeito ao seu desenvolvimento e, sobretudo dos processos de aprendizagem. Foram utilizadas como fontes de pesquisa livros, artigos, dissertações e documentos online.

Sobre a pesquisa bibliográfica Gil (1996) aponta que a pesquisa bibliográfica é indicada a fim de proporcionar melhor visão do problema ou torná-lo mais específico ou, ainda, para possibilitar a construção de hipóteses. Assim, a análise dessas visões teóricas possibilitou analisar e compreender, ainda que de forma preliminar, a influência do desenvolvimento psicomotor no processo de aprendizagem, focando principalmente no processo de aquisição da leitura e da escrita. Permitiu também uma reflexão acerca da importância de um profissional competente e comprometido para lidar com as questões da aprendizagem infantil, sobretudo no que diz respeito ao processo de alfabetização.

Pela complexidade do enfoque deste estudo, faz-se necessário um tratamento metodológico que proporcione compreender em linhas gerais o tema, portanto optou-se por discuti-lo sob os aspectos do desenvolvimento e aprendizagem infantil; o indivíduo e o processo de aquisição da leitura e da escrita; a psicomotricidade na escola; psicomotricidade e processo de alfabetização; o papel do professor e considerações finais.

Desenvolvimento e Aprendizagem Infantil

Algumas teorias assinalam que é a partir das experiências exteriores é que as crianças se desenvolvem e aprendem, e que é o corpo que intermedia essas relações. Para iniciar esse discurso Piaget (1976) construiu uma teoria em que apresenta o desenvolvimento humano dividido em etapas, que pressupõe que os seres humanos passam por uma série de mudanças sucessivas e qualitativas. Nesta teoria, a visão que se tem de inteligência é que esta é uma forma de adaptação biológica ao meio, sendo que o conhecimento nasce nos intercâmbios entre o sujeito e o objeto e que se manifesta como fruto de um autêntico processo de construção.

A concepção piagetiana defende que o desenvolvimento depende de fatores como: o processo de maturação do organismo, a experiência com objetos físicos, a vivência social e, sobretudo, um processo de *equilibrações* sucessivas do organismo ao meio (DAVIS, 1993). Nesse sentido, na etapa da alfabetização serão provocadas uma série de desequilíbrios, e a capacidade de se equilibrar novamente dependerá de todas as equilibrações feitas desde as primeiras experiências do indivíduo, que servirão como suporte para esses processos cada vez mais complexos, numa relação de construção.

Vygotsky (1984) também apresenta contribuições sobre o processo de aprendizagem e de desenvolvimento quando discute o conceito das funções psicológicas superiores. Essas funções se referem a processos voluntários, ações conscientes, mecanismos intencionais e dependem de processos de aprendizagem. Para Vygotsky (apud VEER e VALSINER, 1996), o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Nesse sentido, sem as experiências psicomotoras no início da descoberta do Eu e do mundo seria impossível colocar em andamento processos como o da alfabetização.

Segundo Davis (1993), nessa teoria é dado destaque às possibilidades que o indivíduo dispõe a partir do ambiente em que vive e que dizem respeito ao acesso que o ser humano tem a *instrumentos* físicos (como faca, mesa etc.) e simbólicos (como a cultura, valores, crenças, costumes, tradições, conhecimentos), desenvolvidos em gerações precedentes. Nesse contexto, o pensamento infantil é amplamente guiado pela fala e pelo comportamento dos mais experientes, gradativamente adquire a capacidade de se autorregular. Essa intermediação fundamental no contexto escolar se dá principalmente através do professor.

Dessa forma, Vygotsky (1984) entende que o desenvolvimento é um processo em que se produzem mudanças ou saltos qualitativos, uma reorganização das estruturas antigas, e que se origina sempre entre pessoas, ou seja, surgem inicialmente no plano da relação com os outros, denominado regulação *intermental*, e depois no plano individual, denominado regulação *intramental*. O processo de *internalização* é um processo ativo, no qual se cria e se modifica o funcionamento *intramental* através das reconstruções que o indivíduo faz das formas de mediação e dos processos utilizados na atividade *intermental*. Estes processos ocorrem de forma lenta, gradual, parcial e progressiva. O desenvolvimento, nessa perspectiva, não resulta de um acúmulo gradual de mudanças isoladas, mas constitui um processo dialético que implica tempos diferentes para funções diferentes e transformações qualitativas.

Outro importante teórico que trata do desenvolvimento infantil a ser considerado é Wallon (1979) que construiu o seu modelo de análise ao pensar no desenvolvimento humano, estudando-o a partir do desenvolvimento psíquico da criança em sua totalidade, envolvendo aspectos afetivos, motores e cognitivos. Na visão walloniana o grande eixo é a questão da motricidade, os outros aspectos surgem porque Wallon (apud DANTAS, 1992) não consegue dissociar o conjunto do funcionamento da pessoa, pois, para ele, a psicogênese da motricidade se confunde com a psicogênese da pessoa, e a patologia do movimento com a patologia da personalidade.

Segundo a teoria de Wallon (1979), as emoções dependem da organização das situações e dos espaços para se manifestarem, ou seja, é necessário que se crie um ambiente de identificação do universo infantil, que é essencialmente lúdico, para que através do movimento corporal sejam evidenciadas questões qualitativas e representativas da organização e do pensamento infantil. Nesse sentido, a psicomotricidade se revela um instrumento efetivo para impulsionar esse processo de expressão, que nos primeiros anos de vida se dará somente pelo movimento corporal e posteriormente também pelo uso da fala e da escrita. Nesse contexto, o desenvolvimento da criança aparece descontínuo, marcado por contradições e reviravoltas, resultado da maturação e das condições ambientais, provocando alterações qualitativas no seu comportamento. Por isso é necessária a compreensão de que as dificuldades, os erros e os mal entendidos sejam compreendidos como parte integrante e, porque não, fundamental do processo de aquisição da leitura e da escrita.

As três teorias discutidas (piagetiana, vygotskyana, walloniana) mostraram que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio, além disso concebem o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão à sua volta. Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. As relações entre os diferentes aspectos (motor, afetivo e cognitivo) ocorrem de forma simultânea e integrada, ou seja, não podem ser

dissociadas. Confirmando as questões explicitadas, Fonseca e Mendes (1987) afirmam que é pela motricidade que a inteligência se materializa, pois por seu intermédio as percepções se afirmam, as imagens são elaboradas e se constroem as representações. O movimento está em ligação direta com a criança, pois é parte dela que se comunica com o mundo, e também é a partir dele que ela irá organizar-se enquanto sujeito pensante e atuante para dar conta da sua participação na sociedade.

A partir dessas concepções, algumas áreas de conhecimento construíram os seus pilares para o entendimento sobre a questão do homem, seu corpo e suas aprendizagens. Dentre elas está a Psicomotricidade, que é a compreensão integrada das funções motoras, afetivas e intelectivas, as quais sendo adquiridas através das maturações do organismo e experiências psicomotoras, harmoniosamente e em boas condições emocionais, resultarão em um processo dinâmico de capacitação global para a aprendizagem, incluindo o processo de aquisição da leitura e da escrita. A Psicomotricidade é a interrelação entre o pensamento e a ação, envolvendo a emoção.

O indivíduo e o processo de aquisição da leitura e da escrita

Na atual “sociedade do conhecimento”, tem-se atribuído cada vez mais valor à questão do aprendizado e do bom desenvolvimento do indivíduo em todos os seus aspectos. Nesse contexto, a aquisição da leitura e da escrita é um marco fundamental, pois amplia infinitamente as possibilidades de acesso à informação, ao conhecimento e ao conteúdo. Estes constituem-se em processos que permitem ao ser humano perpetuar sua cultura, saberes e conhecimentos, comunicar e expressar pensamentos, sentimentos, emoções, ideias, etc. Evidenciando a importância do processo de alfabetização, Ferreiro e Teberoski (1991) afirmam “[...] é também condição de sucesso ou fracasso escolar”.

Muito já se discutiu sobre a importância da criança ingressar na escola ainda na fase da Educação Infantil, e assim é que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) coloca a formação pessoal e social e o conhecimento de mundo: como fatores indispensáveis para o desenvolvimento amplo da criança. Através do conhecimento e do domínio de seu próprio corpo e seus processos como o de fusão e diferenciação, construção de vínculos, apropriação da imagem corporal, expressão da sexualidade, etc., são criadas possibilidades de construção de alicerces que sustentarão todas as futuras aprendizagens, inclusive a aquisição da leitura e da escrita.

De fato é na Educação Infantil devem ser feitos os primeiros investimentos para o acesso e a familiaridade da criança com a cultura escrita, por isso destacamos o que RCNEI apresenta sobre essa temática: “As crianças se movimentam desde que nascem adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo” (BRASIL, 1998. p. 15). Entretanto, algumas vezes essa Educação Infantil ainda ocorre de forma ineficiente.

Essa ineficiência citada perpassa todo um histórico de construção da identidade da criança, da infância e da própria educação infantil e seus profissionais. Assim, as

consequências serão finalmente percebidas quando a criança ingressar no 1º ano do ensino fundamental. Furtado (1998), estabeleceu relações entre o desempenho psicomotor e a aprendizagem da leitura e escrita, e os resultados do seu trabalho demonstram que ao provocar o aumento do potencial psicomotor da criança, ampliam-se também as condições básicas para as aprendizagens escolares. Estudos realizados por Nina (1999), sobre a organização percepto-motora e o aprendizado da leitura e escrita em classes de alfabetização, apontam para a necessidade de, desde o ensino pré-escolar, serem oferecidas atividades motoras direcionadas para o fortalecimento e consolidação das funções psicomotoras, fundamentais para o êxito das atividades de leitura e escrita.

Como dito anteriormente, esses resultados já foram bastante difundidos e apresentados aos docentes que trabalham com educação infantil e alfabetização, mas o que parece simples se consolida em algo complexo, pois o professor tem dificuldades em correlacionar o desenvolvimento psicomotor e as dificuldades de aprendizagem e principalmente em trabalhar a psicomotricidade como auxílio para o ensino da leitura e da escrita.

A psicomotricidade na escola

A Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (SBP), conceitua a Psicomotricidade como sendo uma ciência que estuda o homem através do seu movimento nas diversas relações, tendo como objeto de estudo o corpo e a sua expressão dinâmica. Afirma ainda que a Psicomotricidade:

Busca conhecer o corpo nas suas relações, transformando-o num instrumento de ação. Este corpo pensado como objeto, marcado por uma mente que pensa. A evolução da psicomotricidade no homem se dá de forma natural. Ela auxilia e capacita melhor o aluno para uma melhor assimilação das aprendizagens escolares. O corpo e o movimento constituem alicerces para o desenvolvimento da criança. No campo da Psicomotricidade, a relação, a vivência corporal e a linguagem simbólica são imprescindíveis. A psicomotricidade permite à criança a viver e atuar no seu desenvolvimento afetivo, motor e cognitivo.

Não à toa, a psicomotricidade na escola se justifica pelo seu papel preventivo em relação à aprendizagem, incluindo o processo de alfabetização. De acordo com Le Boulch (1987) “menosprezar a influência de um bom desenvolvimento psicomotor, seria limitar a importância da educação pelo corpo e recair numa atitude intelectualista”. Visto por essa perspectiva, se uma escola pretende formar um indivíduo em sua plenitude, prepará-lo para a vida, sabendo que a aquisição da leitura e da escrita é primordial para que se obtenha sucesso na sociedade atual, deve-se atentar para a utilização dos melhores recursos, levando em consideração as teorias do desenvolvimento e aprendizagem infantil.

Para Le Boulch (1987) a escrita é, antes de qualquer coisa, um aprendizado motor, portanto o domínio da língua escrita é derivado de um conjunto de condições dentre as quais se destacam o domínio da linguagem, sua pronúncia e sintaxe, a familiarização global com o código gráfico e condições psicomotoras. Contudo, a

linguagem é anterior ao grafismo, e o aprendizado da leitura e da escrita apoia-se numa linguagem expressiva, que desde o nascimento dos indivíduos é primordialmente através do corpo, ou seja, todas as questões relacionadas à expressão pessoal devem ser estimuladas e trabalhadas mesmo antes do surgimento da leitura, da escrita e até mesmo da fala. Assim se revela a psicomotricidade como ferramenta válida nesse processo.

Portanto, para que existam aspectos funcionais relacionados à alfabetização, é necessária a atuação de sistemas psicomotores, pois tanto a leitura como a escrita são essencialmente um modo de expressão e de comunicação. Ferreiro (2001), em entrevista à Revista Nova Escola, expõe sua ideia com relação à alfabetização a qual confirma os pressupostos citados: [...] “a minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa”. Essa ideia aliada aos elementos que constituem a psicomotricidade nos faz compreender que os esquemas cognitivos e psicomotores fazem parte de um universo complexo de um mesmo sujeito. O que para as crianças se caracteriza como brincadeiras aleatórias (que envolvem atos de correr, chutar, pular, pegar e arremessar) são consideradas pela psicomotricidade movimentos neuromusculares que servirão de base para que a criança aprenda segurar o lápis, folhar o caderno, definir sua lateralidade, delimitar espaços, diferenciar as formas das letras, etc., pois a criança na fase de alfabetização é essencialmente movimento.

Psicomotricidade e o processo de alfabetização

Com vistas ao universo infantil, suas formas particulares de desenvolvimento e aprendizagem, é inegável que a tomada de consciência pela criança do seu corpo, compreendendo tanto o esquema corporal quanto a imagem corporal, serão primordiais para que ela possa se situar no espaço, controlar o tempo e desenvolver habilidades e coordenação de gestos e movimentos, e é assim que

A imagem do corpo representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e sua maturidade. Ela não corresponde a uma só função, mas sim a um conjunto funcional cuja finalidade é favorecer o desenvolvimento. [...] É através das relações mútuas do organismo e do meio que a imagem do corpo organiza-se como núcleo central da personalidade. A atividade motora e sensorio-motora, graças à qual o indivíduo explora e maneja o meio, é essencial na sua evolução. (LE BOULCH, 1982, p. 15)

Não menos importante, a consolidação de outros fatores psicomotores como equilíbrio, coordenação dinâmica global, respiração consciente, coordenação motora fina, lateralidade, orientação espacial e temporal, irão contribuir significativamente para que o processo de aquisição da leitura e da escrita ocorra da forma mais natural possível. (VELASCO, 1996)

A ideia de símbolo, a discriminação das formas e das letras, discriminação dos sons da fala, consciência da unidade da palavra e a organização da página escrita são saberes considerados por Lemle (2005) necessários para o processo de alfabetização implicando assim no desenvolvimento de algumas habilidades psicomotoras que se correlacionam com a escrita. Le Boulch (1982) afirma que “a percepção dos elementos

do espaço permitem o conhecimento de certa geometria topológica que é anterior à percepção de seu próprio corpo e necessita de uma função de interiorização”.

A criança começa a explorar o espaço desde suas primeiras experiências após o seu nascimento. Aos poucos ela começa a fixar o olhar em um objeto e depois tenta agarrá-lo. As conquistas iniciais em relação ao seu próprio corpo como o acesso à posição sentada e posteriormente à posição vertical, permite a criança uma ampliação de seu horizonte e uma visão global de um espaço, do qual ela vai se apropriando progressivamente. A noção espacial se desenvolve através da apreensão, pela criança, de noções de situações (dentro, fora, longe, perto), de tamanho (grosso, fino, pequeno, médio, grande), de posição (em pé, deitado, sentado, agachado) de movimento (levantar, abaixar, puxar, cobrar, subir, descer), de formas (círculo, quadrado, triângulo), de quantidade (cheio, vazio, pouco, muito), de superfícies e de volumes.

Antes e durante o processo de aquisição da leitura e da escrita, é de extrema importância que a criança passe por experiências que promovam a ampliação dessa noção básica descrita anteriormente, de forma que ela possa aos poucos desenvolver a noção de seu corpo como referência no espaço, percebendo assim de forma mais qualitativa todo o ambiente.

Para que a criança possa discriminar as letras e suas formas no processo de leitura e escrita, ela precisa utilizar o próprio corpo como um referencial, e essa habilidade corresponde à estruturação espacial. Segundo Zorzi (2003) “Para nós, adultos letrados, a distinção entre letras como “p” e “q”, “b” e “d” é uma coisa tão óbvia, que pode ser muito difícil de imaginarmos como a criança não vê essa diferença tão gritante”. De fato, essa diferenciação só é possível a partir de nossas experiências e da habilidade de fazer discriminações espaciais às coisas externas ao nosso corpo. Esse conceito parece tolo, pois não temos essa consciência ao nos orientarmos o tempo todo no espaço, mas são as habilidades da estruturação espacial que colaboram para o início do processo de alfabetização, pois

[...] a idéia de que a ordem significativa das letras é da esquerda para a direita na linha, e que a ordem significativa das linhas é de cima para baixo na página. Note que isso precisa ser ensinado, pois isso decorre uma maneira muito particular de efetuar os movimentos dos olhos na leitura. (LEMLE, 2005, p. 7)

Outro fator psicomotor relevante para o processo de alfabetização, sobretudo na evolução do grafismo é a coordenação viso-manual. Este constitui um aspecto particular da coordenação global e não se pode dissociá-lo de outros aspectos, pois há uma estreita relação entre o campo visual e a motricidade. Sobre esse assunto destacamos

Parece-nos importante que a preparação para a escrita seja feita antes que a criança aprenda a ler, de tal forma que a aquisição da leitura e da escrita seja simultânea e que o problema da coordenação não freie o aprendizado da leitura. (LE BOULCH, 1987, p. 157)

Oliveira (2003) reafirma a importância desse processo ao salientar que a partir do momento em que a criança conseguir discriminar as diversas formas de letras e integrar os símbolos ela obterá êxito na etapa de organização visual, correspondendo à integração significativa de materiais simbólicos com outros dados sensoriais. Se o professor não direciona atividades bem planejadas nesse sentido, é possível que seus alunos apresentem dificuldades que mais tarde poderão interferir a aprendizagem da criança, inclusive na aquisição da escrita dos grafemas. É assim que entre as dificuldades mais percebidas hoje nas escolas a inabilidade da letra cursiva, letra ilegível e o mau uso do lápis. A coordenação da visão com os movimentos das mãos prepara a criança para a aprendizagem da escrita e se bem estimulada poderá minimizar esses efeitos negativos.

Somados dinamicamente a esses conceitos de estruturação espacial e de habilidade visomanual, a criança atinge uma nova etapa das habilidades denominada orientação espacial. A partir da locomoção será possível estender o campo de ação e ter acesso a novas descobertas, ampliando os conceitos sobre o seu próprio corpo na relação espacial com os objetos. Sobre esse assunto Le Boulch (1982) esclarece que a criança perpassa um estado de desenvolvimento da noção espacial visivelmente transcritos na evolução de seus desenhos. Na evolução do grafismo, inicialmente os desenhos são flutuantes, desenhadas em direções e sentidos aleatórios, mas posteriormente, por volta dos 4 e 5 anos observam-se as primeiras preocupações de orientação e de posicionamento de figuras.

De fato, no processo de aquisição da leitura e da escrita, a consolidação desse fator psicomotor permitirá que a criança se organize dentro do limite da página para desenvolver a escrita, possibilitando-a organizar também objetos no espaço, fazendo combinações e adquirindo noções de distância e direção. Entra em discussão a função de ajustamento, que permite à criança, através de suas experiências, ajustar suas reações tônicas e motoras de acordo com sua capacidade e seus objetivos. Para que se trabalhe a noção espacial, é necessário que as brincadeiras envolvam o corpo, ora estático, ora em deslocamento, a fim de estabelecer uma ligação entre o mundo externo e o espaço de seu corpo.

Na dialética da compreensão dos fatores psicomotores de uma forma não hierárquica, é necessário salientarmos a questão da lateralidade que diz respeito à percepção dos lados direito e esquerdo, tomando seu corpo como referencial. Na verdade, a lateralização não é simétrica. É importante salientar que os espaços motores do lado direito e do lado esquerdo do corpo não são homogêneos. Essa desigualdade irá se manifestar à medida que os atos intencionais de natureza motora começarem a se tornar mais complexos. É o que se denomina de lateralidade espontânea inata.

Nesse sentido, é imprescindível que essa manifestação natural seja respeitada, para que não haja um desequilíbrio durante o período de estabilização que pode ir dos 6 aos 8 anos. Sobre esses escritos podemos tomar como referência

A lateralidade é função da dominância, tendo um dos hemisférios a iniciativa da organização do ato motor, que incidirá no aprendizado e na consolidação das praxias. Esta capacidade funcional, suporte da intencionalidade, será desenvolvida de maneira fundamental nessa época da atividade de investigação durante a qual a criança vai confrontar-se com seu meio. Permitir à criança organizar suas atividades motoras globais é uma ação educativa fundamental. (LE BOULCH, 1982, p. 95)

Evidenciamos o quanto o processo de aprendizagem é complexo e que a criança vai levantando hipóteses acerca da escrita. Neste contexto busca-se dimensionar a participação fundamental da psicomotricidade para que os alfabetizandos passem por este processo de uma maneira mais tranquila, haja vista que o número de crianças com dificuldades de leitura e escrita é bastante alarmante. Alguns destes problemas poderiam deixar de existir se a escola, principalmente o professor, considerasse o papel da psicomotricidade no momento de ensinar a ler e escrever.

O papel do professor

Conscientes dos aspectos necessários para um processo de alfabetização bem sucedido, incluindo o desenvolvimento de algumas habilidades psicomotoras, faz-se necessário enfatizar o papel do professor como promotor de ações direcionadas para um desenvolvimento biopsicossocial harmônico.

Para tanto, a formação docente deve envolver questões que tratem do universo infantil como a ludicidade, a espontaneidade, o aprendizado mediante experiências corporais, o simbolismo, além da formação pessoal e social e conhecimento de mundo, citados pelos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 1998), visando o ingresso desses educandos no 1º ano do ensino fundamental, apoiado pelas formações psicomotoras que servirão de alicerce para a aquisição de processos mais complexos como se apresenta a leitura e a escrita.

O professor deve deixar de compreender o período de alfabetização como um período isolado, de cunho cognitivo e refletir em torno da educação pelo movimento, compreendendo o corpo como objeto de interação e relação com o mundo mobilizado por meio da expressividade, já que o ato de escrever é uma forma de expressão e a criança aprende essencialmente através das suas experiências corporais.

A formação do professor na área da Psicomotricidade vem se intensificando na medida em que se amplia a compreensão da influência desta área do conhecimento no desenvolvimento educacional. Sob esta ótica, o professor visa promover uma ação pedagógica a fim de potencializar o desenvolvimento da criança em busca de uma educação de qualidade traduzida em um processo natural, sem incompreensões e sem falta de intencionalidade.

Assim como é para uma Educação Infantil efetiva, também no período da alfabetização, o professor deverá investir na promoção da ludicidade intrínseca ao universo infantil, favorecendo a expressão em todas as suas formas e a exploração

corporal no espaço, facilitando a comunicação por meio da expressividade motriz e potencializando atividades relacionais e de interação, viabilizando a liberação de emoções e conflitos por meio da vivência simbólica.

Considerações finais

Frente às questões contemporâneas da educação nacional, faz-se necessário uma profunda reflexão acerca dos desafios que se impõem aos cidadãos. Cada vez mais se valoriza um profissional que tenha um desenvolvimento integral, em seus vários aspectos. Contudo, a escola, seu currículo e, sobretudo suas práticas precisam de uma mudança de paradigmas para que possam estar em sintonia com essa demanda da sociedade.

Nesse contexto, o processo de desenvolvimento e aprendizagem, a aquisição da leitura e da escrita, bem como os processos psicomotores precisam se consolidar de maneira mais natural e principalmente precisam ser mais compreendidos pelos pais e pelos professores que atuam em salas de educação infantil e 1º ano do ensino fundamental.

De um lado os pais precisam diminuir a ansiedade em relação a esse período e do outro o professor deverá ter total consciência dos processos pelos quais passam os educandos, para que possa mediar de forma efetiva a aquisição da leitura e da escrita, integrando a ludicidade intrínseca ao universo infantil e fazendo uso de recursos que promoverão um desenvolvimento holístico dos alunos, como propõe a psicomotricidade e seus pilares motor, afetivo e intelectual.

Referências Bibliográficas

BRASIL, Referencial curricular nacional para a educação infantil / **Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DANTAS, H. Do ato motor ao ato mental. In LA TAILLE, Y. de. et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

DAVIS, C. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRO, E; TEBEROSKI, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, E. **Alfabetização / construtivista**. Revista Nova Escola jan/fev/2001. Disponível em <http://www.centrorefeducacional.com.br/emiliealfa.htm> Acesso em 01 jun. 2009.

FONSECA, V.; MENDES, I. V. **Escola, escola, quem és tu?** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FURTADO, V. Q. **Relação entre Desempenho Psicomotor e aprendizagem da Leitura e Escrita.** 1998, 95f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1996.

LE BOULCH, J. **Educação Psicomotora: Psicocinética na Idade Escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **O Desenvolvimento Psicomotor: do Nascimento aos 6 anos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador.** São Paulo: Ática, 2005.

NINA, A. C. B. **A Organização Percepto-Motora e o Aprendizado da Leitura e Escrita:** Um Estudo Comparativo entre o Teste Metropolitano de Prontidão e o Teste de Habilidades Motoras Amplas em Alunos de Classes de Alfabetização. 1999. 82f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade do Amazonas, Amazonas, 1999.

OLIVEIRA, G. C. **Avaliação psicomotora à luz da psicologia e da psicopedagogia.** Petrópolis: Vozes, 2003.

PIAGET, **Psicologia e Pedagogia.** 4 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. Publicação Eletrônica. São Paulo, SP. Disponível em <<http://www.psicomotricidade.com.br>> Acesso em 20 de maio de 2012.

VEER, R.V.D.; VALSINER, J. **Vygotsky: uma síntese.** 2 ed., São Paulo: Loyola, 1996.

VELASCO, C. G. **Brincar: O Despertar Psicomotor.** Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento:** ensaio de Psicologia comparada. Trad. J. Seabra. Lisboa: Moares, 1979.

ZORZI, J. L. **Aprendizagem e Distúrbios da Linguagem Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 2003.